



IX ENCONTRO ESTADUAL DE POLÍTICA E
ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO - ANPAE/ES
2ª REUNIÃO ESTADUAL DA ANFOPE

POLÍTICAS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: CENÁRIOS E VOZES EM DISPUTA

09 e 10 de Março de 2017
UFES – Campus Goiabeiras

MUDANÇAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS NO CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DE PROFESSORES ALFABETIZADORES

EIXO 3 - Políticas de formação, valorização e condições de trabalho dos profissionais da educação

NACARI, Déborah Provetti Scardini¹

RESUMO: Essa pesquisa visa contribuir para as reflexões sobre o fracasso escolar nas séries iniciais e o processo de apropriação da leitura e da escrita por crianças nos anos iniciais escolares, buscando compreender os sentidos elaborados pelos professores alfabetizadores frente às mudanças teórico-metodológicas (construtivismo Emiliano) no campo da alfabetização, no município de Vitória/ES, com a implantação/implementação do Projeto Bloco Único. O Projeto Bloco Único foi uma reforma educacional, destinada às 1ª e 2ª séries do ensino básico e às turmas de 6 anos das Unidades de Pré-Escola, proposta no Documento Preliminar de Implantação do Bloco Único no Sistema Municipal de Ensino de Vitória, em 1990. A partir de Mikhail Bakhtin, nosso autor de referência, sob a perspectiva teórico-metodológica, com enfoque Histórico-cultural propusemos a escuta de 18 professores alfabetizadores que vivenciaram esse momento. Os relatos indicaram que houve reais dificuldades em lidar com uma teoria e uma política pública de educação que lhes foram impostas pelo discurso oficial e que não atendia por completo o cotidiano de uma classe de alfabetização, principalmente sob o ponto de vista da formação dos professores e da aquisição da leitura e da escrita pelas crianças, apresentando perceptíveis lacunas. Deste modo, o fracasso escolar, como bem nossa pesquisa demonstrou, não esteve diretamente vinculado ao método, não esteve diretamente vinculado ao professor, mas sim, a um sistema que, perceptivelmente, cultivou esse fracasso, quando sugestionou/optou por políticas mal formuladas, dissociadas da realidade e da vocação escolar, incorrendo em colapsos na gestão da educação. Verificamos também que os professores mantiveram suas antigas práticas, como forma de resistir às imposições para mudar.

Palavras-Chave: Enunciação; Bloco único; Políticas de alfabetização infantil; Leitura; Escrita.

¹ Doutora em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: deborahprovetti@gmail.com



IX ENCONTRO ESTADUAL DE POLÍTICA E
ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO - ANPAE/ES
2ª REUNIÃO ESTADUAL DA ANFOPE

POLÍTICAS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: CENÁRIOS E VOZES EM DISPUTA

09 e 10 de Março de 2017
UFES – Campus Goiabeiras

1. INTRODUÇÃO

O campo da alfabetização, principalmente no que diz respeito às políticas públicas, na década de 1990, no Brasil, foi especialmente marcado por ter sido um cenário de mudanças teórico-metodológicas que culminaram na adoção do construtivismo de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, em contraposição aos denominados antigos métodos de alfabetização.

Na esteira das mudanças políticas e mediante indicadores de fracasso escolar, o Brasil junta-se a outros países, em Jomtien, na Tailândia, em 1990, na Conferência Mundial sobre a Educação para Todos. A educação básica, foi um dos conceitos mais discutido, levando os governos participantes (principalmente dos países pobres e em desenvolvimento) a assumirem um compromisso internacional com a finalidade de implementar um plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem.

O Estado do Espírito Santo, como não poderia deixar de ser, foi alcançado por essas mudanças e as escolas do município de Vitória/ES foram as primeiras a serem intimadas pelo discurso oficial da época a modificarem radicalmente as práticas que até então realizavam – passaram, portanto, a se pautar na perspectiva construtivista de alfabetização, sob o projeto denominado Bloco Único.

Assim, buscou esta pesquisa, a partir dos relatos dos professores entrevistados, demonstrar que havia uma visão coisificante sobre o professor alfabetizador. Sentiam-se os professores entrevistados como objetos inerentes à escola, ao seu trabalho? O aluno foi coisificado na teoria de Emilia Ferreiro?

Quanto ao caráter dialógico, Bakhtin (2008, p. 72) destaca a importância da palavra tratada dialogicamente, e o papel insignificante do discurso monologicamente fechado, que não é suscetível de resposta.



IX ENCONTRO ESTADUAL DE POLÍTICA E
ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO - ANPAE/ES
2ª REUNIÃO ESTADUAL DA ANFOPE

POLÍTICAS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: CENÁRIOS E VOZES EM DISPUTA

09 e 10 de Março de 2017
UFES – Campus Goiabeiras

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devemos conceber o projeto Bloco Único como a concretização de interesses de blocos políticos/econômicos instituídos nas relações de poder e da articulação do conjunto de interesses desses poderes em seus diferentes âmbitos (local/regional/nacional/internacional), mas sem o ponto de vista do “povo” (BAKHTIN, 1987, p. 78), ou seja, a voz não oficial.

As enunciações concretas e responsivas (BAKHTIN, 2010, p.221) de dezoito professores alfabetizadores, evitou, deste modo, um teor monológico de nossa tese, possibilitando percepções muito significativas sobre a implantação/implementação do projeto Bloco Único, nos que tange às condições de trabalho, formação e valorização dos profissionais da educação:

Prof. 11: não... éh::... foi uma decisão de governo... né?... foi uma decisão de governo... entendendo que... éh::... precisaria ser assim... que teria que ser assim... né?... então... não teve assim... um processo de transição... todos os professores teriam que fazer... teriam que trabalhar daquela forma... muitos professores não aceitavam... muitos professores não entendiam... a... essa questão... a forma como foi feita... e que não foi... que eu não defenderia... eu defendo que seja num processo mesmo de formação... e que as mudanças venham na medida em que acredito... que eu abraço... e que eu quero... segura... do que estou fazendo... porque à medida que não acredito... como é que eu vou fazer o meu aluno acreditar?... a família acreditar?...

Prof. 6: a infraestrutura era extremamente precária... você vê... a escola ()... mesmo a nova... agora... né?... já tá velha... a gente funcionava num barracão... eram várias salas de madeirite... você ouvia tudo que todo mundo falava... a gente tinha muito pouco material... os diretores na época eles tinham uma verba muito pequenininha... tudo era mandado pela prefeitura... às vezes a gente recebia coisas que não serviam pra nada nessas escolas... né?



IX ENCONTRO ESTADUAL DE POLÍTICA E
ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO - ANPAE/ES
2ª REUNIÃO ESTADUAL DA ANFOPE

POLÍTICAS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: CENÁRIOS E VOZES EM DISPUTA

09 e 10 de Março de 2017

UFES – Campus Goiabeiras

Prof. 11: a escola é educação... a estrutura que a escola monta pra gente educar... nenhuma... isso que eu estou falando... na verdade a única mudança que teve foi o nome... Bloco Único...

Prof. 14: eu nunca tinha trabalhado no magistério... na docência mesmo... no magistério... eu nunca tinha trabalhado... terminei o ensino médio... passei no concurso e fui... quer dizer... experiência zero... de qualquer natureza... seja tradicional... ou construtivismo... eu não tinha experiência ... de ensinar... [...]... eram 25 crianças em cada sala... e aí... eu peguei uma turma ... que era assim... dos alunos já fora da idade-série... tinham poucos alunos na idade regular de 7 anos... a maioria já tinha 8... tinha uma de 11... eu não saberia precisar se era de reprovação... ou se era de crianças que não tinham acesso à escola mesmo...

Prof. 6: o não positivo era aquela coisa de doutrina a ser seguida como única verdade absoluta para ensinar... não... para ensinar não... para possibilitar o acesso à leitura e à escrita... isso pra mim foi a pior coisa que o construtivismo teve... essa doutrinação... então... a partir de hoje esqueçam tudo que vocês sabem... porque só vale isso daqui... outro... muito negativo... levou várias criança... vários professores pro brejo... [...]...o construtivismo levou muitos professores... muitas crianças... pro brejo... infelizmente...

No decorrer dessas problematizações trazidas pelos professores, assim como a contribuição dos diversos autores que constituíram nossas palavras alheias, entendemos ter sido fundamental a escuta cuidadosa e a abertura de espaços de diálogo entre/com os profissionais da educação, inclusive aqueles em formação inicial. Provocar o debate sobre o papel político da alfabetização é fundamental. Caso contrário, estaremos à mercê da continuidade de reformas travestidas de políticas públicas para a educação.



IX ENCONTRO ESTADUAL DE POLÍTICA E
ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO - ANPAE/ES
2ª REUNIÃO ESTADUAL DA ANFOPE

POLÍTICAS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: CENÁRIOS E VOZES EM DISPUTA

09 e 10 de Março de 2017
UFES – Campus Goiabeiras

3. CONCLUSÕES

A mudança teórico-metodológica proposta pelo projeto Bloco Único, a nosso ver, atingiu os professores alfabetizadores de modo devastador, jogando-os em uma situação caótica e angustiante, quando seus saberes e fazeres foram desqualificados e desprestigiados, deixando-os “sem chão”.

Para os professores, a reforma chegou de maneira impositiva, o que gerou fortes reações de resistência. A resistência se deu na manutenção dos métodos de alfabetização, na utilização das cartilhas como suporte imprescindível das aulas, na organização de um currículo vivido que ia de encontro ao currículo prescrito pelo projeto. Assim, dentro de um mesmo sistema/escola, cada professor determinou sua própria proposta metodológica e seu próprio currículo, optando por aqueles que lhes parecessem mais “adequados” para sua classe de alfabetização.

A chegada de novos professores, na maioria inexperientes, e que ocuparam as classes de alfabetização, preteridas pelos professores mais antigos da rede, agravou a situação. Na 1ª série, ocorria um grande rodízio de professores. Além disso, o sistema não conseguia conciliar o discurso construtivista com o cotidiano. Nesse vácuo, as revistas especializadas e os livros didáticos passaram a orientar o trabalho de professores alfabetizadores.

Mas, e se todo esse movimento tivesse diminuído radicalmente os dados negativos? Teria ocorrido alguma mudança radical na vida dos sujeitos e da sociedade da capital do Estado? Graff citado por Gontijo (2014, p.9) diria que não pois para esse autor “[...] somente pela perspectiva histórico cultural é possível perceber a fragilidade do poder atribuído à alfabetização e à escolarização das massas, como requisito para o crescimento econômico, para a realização individual e para a democracia das sociedades modernas”.

O fracasso escolar, como bem nossa pesquisa demonstrou, não esteve diretamente vinculado ao método, não esteve diretamente vinculado ao professor, mas sim, a um sistema que, perceptivelmente, cultivou esse fracasso, quando sugestionou/optou por políticas mal formuladas, dissociadas da realidade e da vocação escolar,



IX ENCONTRO ESTADUAL DE POLÍTICA E
ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO - ANPAE/ES
2ª REUNIÃO ESTADUAL DA ANFOPE

POLÍTICAS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: CENÁRIOS E VOZES EM DISPUTA

09 e 10 de Março de 2017
UFES – Campus Goiabeiras

incorrendo em colapsos na gestão da educação.

Exposto o tema, como pensar essa tese sob o enfoque de uma única autoria? Há todo um conjunto de discursos de vários autores/professores/pensadores, “[...] uma multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade” (BAKHTIN, 2008, p.5).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de Brasília, 1987.

_____. **Problemas da Poética em Dostoiévski**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 155 p.

CARVALHO, Janete Magalhães. **Profissão docente na atualidade**. Vitória: EDUFES, 2ª ed. 2004.

DUARTE, Newton (Org.). **Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

GOMIDE, Angela Gallizzi Vieira. **A UNESCO e as políticas para a formação de professores no Brasil: um estudo histórico 1945-1990**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2012.



IX ENCONTRO ESTADUAL DE POLÍTICA E
ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO - ANPAE/ES
2ª REUNIÃO ESTADUAL DA ANFOPE

**POLÍTICAS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO:
CENÁRIOS E VOZES EM DISPUTA**

09 e 10 de Março de 2017
UFES – Campus Goiabeiras

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização**: políticas mundiais e movimentos nacionais. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

UNESCO – Santiago. A UNESCO e a Educação da América Latina e Caribe. Disponível em: WWW.unesdoc.org/images0011/001128/112547_porb.pdf Acesso em: 12 dez.2015.

_____. Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Disponível em: WWW.unesdoc.org/images0011/001128/112547_porb.pdf Acesso em: 12 nov.2015.